A DES(CONSTRUÇÃO) DO HUMANO

Marcus Vinicius Quiroga (*)

Em **Paixão na Lapa e outras histórias**, temos uma galeria de personagens que se movimentam na narrativa, em consonância com o meio ambiente em que se encontram. Observamos a predominância de textos cujos enredos se passam no Rio de Janeiro e, em particular, nos bairros do Centro, como se para este espaço convergissem todos os dramas da cidade, dramas que apresentam um mundo marcado por dores e perdas, tanto individuais quanto coletivas.

O conto mais longo, por exemplo, intitulado *O mito da felicidade*, refaz a história que a imprensa batizou de *A chacina da Candelária*. Este fato histórico, representativo da violência urbana e policial, foi recriado e, melhor, humanizado, através da menina Taís. Graças a este personagem fictício, o autor pode tratar de um dos muitos problemas sociais que nos afligem: o caso das crianças desaparecidas ou abandonadas.

A ficção, aqui, mais uma vez, encontra-se a serviço da reflexão sobre a realidade, denunciando a miséria, a violência, a discriminação e a desigualdade socioeconômica. O fator humano é, pois, a marca que identifica todas as narrativas de Edir Meirelles e faz com que o leitor se aproxime do texto. Em outras palavras, são os personagens que detêm as rédeas da linguagem, das situações e das visões narrativas. *O Mito da felicidade* não é o relato dos fatos ocorridos em 23 de julho de 1993, pois isto os jornais da época já o fizeram; é, antes, a história particular de Taís-Tata-Xuxa, uma menina de rua, através da qual entramos em contato com um universo mais amplo. Diríamos, usando uma analogia cinematográfica, que o escritor prefere as tomadas de plano médio e *close* à panorâmica. Ou seja, é o rosto do personagem que aparece na tela para expressar, metonimicamente, a carga emotiva de sua vida.

O livro mostra um Rio de Janeiro sem o glamour da cidade turística, famosa por seus cartões-postais, ao abordar assuntos como homicídio, suicídio, estupro, agressão, miséria, mendicância, abandono familiar, adultério

e incesto. Com exceção de *Verniz de civilização*, os demais contos não idealizam o espaço urbano carioca; ao contrário, retratam de modo realista as mazelas sociais da ex-capital do país. Mas nem só de dores vivem os personagens deste livro. Temos também, por outro lado, exemplos de solidariedade, companheirismo e afeição. E quase todos ocorrem na classe baixa ou média: a menina abandonada é adotada por uma família pobre; os meninos de rua, apesar da má sorte a que foram entregues, têm seus momentos de afeto e cooperação; os “clandestinos”, durante a época da repressão, se auxiliam e, juntos, enfrentam o arbítrio.

Como contraponto à cidade, há os contos *Espera (in)feliz*, *Via-crúcis da fidelidade*, *Donzelas e milagres no sertão*, *Ciganos*, *medo e paixão* que são ambientados no interior ou, como é dito, no sertão. Em quase todos, predomina a pequenez da vida, em histórias determinadas pelo meio, igualmente pequeno e sem perspectiva.

Leitor de Machado de Assis e Lima Barreto, o autor sabe compor as características físicas e psicológicas dos personagens com riqueza de detalhes e observações pertinentes e retratar as condições sociais com as lentes críticas da máquina narrativa. Com um aprendeu a sondar o mundo interior e a desmascarar as razões secretas que os levam a ter esta ou aquela conduta; com outro aprendeu a situar o personagem em sua classe, em seu espaço geográfico e em sua história de vida, tornando verossímeis suas ações. Se Machado se interessa pelo jogo social das aparências de personagens abastados, Meirelles se dirige para os desafortunados, mostrando que o mundo interior dos infelizes não é menos complexo e tortuoso do que o dos mais abastados. Os nomes e apelidos que habitam estes contos revelam esta valorização humana e afetiva que eles recebem: Tata, Bigu, Pichulé, Ratazana, Zé Curió, Roxo, Paulo do Feijão e tantos outros. Estes apelidos, que poderiam ser vistos como depreciativos em outra circunstância, aqui adquirem um status de familiaridade e de afeição. Ressaltamos, pois, mais uma vez, a construção fabular que dá primazia à humanização das Tatas e dos Bigus da vida.

Na linha machadiana, temos *Rosa diabólica* que, à semelhança de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, apresenta um defunto narrador; já, na filiação barretiana, temos no conto *Joana Angélica, a justiceira*, ecos da **Clara dos Anjos**. Estes dois exemplos bastam para mostrar que a obra de Edir

Meirelles sabe dialogar com o melhor da série literária brasileira, ao mesmo tempo que forja uma narrativa singular, com ferramentas próprias. Nos dois romancistas citados encontramos também o uso do humor, ainda que de forma diferente. Ora, os contos *Zé pequeno, Sogra, mãe e cobra ou Galinha preta & despachos* são exemplos inequívocos do humor, sem ter, no entanto, os pudores vigentes no século XIX e no início do século XX. A linguagem aqui é mais coloquial e incorpora um vocabulário típico dos personagens, para dar mais veracidade aos diálogos.

Outro tema caro ao autor é o relacionamento amoroso, como vemos em *Paixão na Lapa, Rosa diabólica, Zé Pequeno, Entre irmãos, O horror do garanhão, No paraíso sem cobra(n)ças, Ciganos, medo e paixão, Criando cobras em casa*. Regra geral, a temática sexual prevalece sobre a sentimental, mostrando relações adúlteras, incestuosas e violentas, o que não impede, contudo, que haja também histórias de amor com final feliz. Ironicamente, em *Via-crúcis da fidelidade*, a fidelidade do título se refere a do cão Rebolo para com o seu dono Baíco. Neste conjunto de contos, um cão talvez seja, não por acaso, um dos personagens mais carinhosos, como se fosse uma crítica implícita à falta de amor ou profundidade nas relações a dois.

A densidade na análise, a surpresa nos desfechos, a reflexão crítica da sociedade, tudo isto causa a empatia que conquista o leitor, e em especial o leitor carioca, para esta obra, cuja tensão se dá entre a construção e a desconstrução das verdades pessoais e sociais. **Paixão na Lapa e outras histórias** tem a virtude de todo bom espelho: deformar para melhor expressar a realidade. Na maioria das vezes, as imagens que vemos não nos agradam, mas a leitura, sim, graças à eficiência da linguagem, à atração da narrativa e ao conteúdo visceralmente humano.

(*) *Poeta e escritor*

Membro da Academia Carioca de Letras